

RACHEL ABBOTT

MAIS DE TRÊS MILHÕES DE LIVROS VENDIDOS

«Muito bem escrito e viciante.
Não o consegui pousar até ao final.»

ROBERT BRYNDZA, AUTOR BESTSELLER
DE *A RAPARIGA NO GELO*

A
RAPARIGA
DA
O QUE ESCONDE
O SEU PASSADO?
FALÉSIA

TOP
SEL
LER

PRÓLOGO

I

ENTÃO, É ASSIM que tudo acaba.

Agora, tudo me é claro: uma de nós tem de morrer.

Certas mortes são inevitáveis. Outras não. E, depois, há as tragédias impulsionadas por si próprias, que, assim que começam, ganham força, causando mal após mal, perda após perda.

Sim, está na hora de pôr um fim a isto.

II

FINALMENTE, O AMBIENTE SOSSEGOU no carro. Stephanie conseguira calar Jason dizendo-lhe que, se não parasse de falar, encostaria para o expulsar. Ele poderia regressar a pé à esquadra. Não se tratava de um silêncio confortável, e Stephanie apertou o volante com força. Abriu ligeiramente a janela para deixar escapar algum do ar quente e inspirou a brisa marítima húmida, captando um vago odor das ondas a baterem nas rochas lá em baixo.

Descontraí-te, disse-lhe uma voz na sua cabeça. *Não vai ser como da última vez.*

— Então, acha que é uma questão doméstica, sargento? — questionou Jason, intrometendo-se nos pensamentos dela. — Aqui em cima é assim um bocadinho chique demais para isso, não é? De certeza que a discussão não teve que ver com dinheiro...

Jason cruzou os braços, como se tivesse dito tudo, e Stephanie sentiu vontade de lhe perguntar se ouvira alguma coisa durante os treinos. Detestava ser acompanhada por estagiários, em especial quando eram tão opinativos e mal informados como Jason.

— Houve uma chamada para o número de emergência, uma mulher aos gritos a pedir ajuda... É tudo o que sabemos. Depois, a chamada caiu. A empresa de segurança que vigia a propriedade diz que aquilo parece o Fort Knox, pelo que é improvável que alguém tenha forçado a entrada. — Stephanie sabia muito bem o que aquilo significava. Sabia de que é que a mulher precisava de ser salva. — O carro da empresa de segurança já está no local e o funcionário deles está à espera para nos deixar entrar, por isso, em breve vamos saber — informou ela.

Muito em breve. E não estava certa de querer saber.

Os pneus esmagaram a gravilha do carreiro, com a luz brilhante da lua cheia a iluminar os arbustos que ladeavam a estreita rampa conforme as nuvens se apartavam. Quando dobrou a esquina, surgiu

uma parede branca comprida diante deles, com uns seis metros de altura e uma enorme porta dupla de madeira ao centro.

— Que raio de lugar é este? — perguntou Jason, em voz baixa, ao deparar-se com um cenário invulgar.

— É a parede das traseiras da casa.

— Não há janelas. Quem é que constrói uma casa sem janelas?

— Espera só até entrares, Jason.

Pelo canto do olho, viu a cabeça dele a rodar na sua direção.

— Então, já conhece esta casa?

Stephanie assentiu com a cabeça. Não queria pensar na última vez que ali fora chamada, e esperava — e rezava — que aquela noite não revelasse nada parecido. Mas um grito por ajuda nunca era um bom sinal e, apesar da sua beleza, aquela casa causava-lhe sempre arrepios.

Parou o carro junto a uma viatura com um símbolo na lateral da empresa de segurança. Saltou de lá um jovem magrinho com um sério problema de acne.

Oh, meu Deus, pensou ela, dois bebés pelo preço de um.

— Sargento Stephanie King — apresentou-se ela. — Tem a chave? O jovem anuiu.

— Chamo-me Gary Salter. Sou da empresa de segurança.

Nada como frisar o óbvio.

— Tentou tocar à campainha? — quis ela saber. Os olhos de Gary saltaram nervosamente da esquerda para a direita.

— Não sabia se devia fazê-lo.

— Provavelmente a decisão correta — comentou Stephanie. — Não sabemos o que se passa lá dentro e estaria numa posição vulnerável, aqui sozinho. Volte para o carro, Gary. Até sabermos o que se passa, não podemos tê-lo a andar de um lado para o outro.

Stephanie carregou com força na campainha e inclinou a cabeça para escutar algum sinal de movimento no interior. Reinava um silêncio absoluto. Tentou uma vez mais, para ver se tinha sorte, e depois introduziu a chave na fechadura e rodou-a.

Ouviu Gary a saltar do carro atrás dela.

— Há um alarme — avisou. — O código é 140329.

Stephanie assentiu e empurrou a porta para trás. A caixa do alarme estava dentro do alpendre, mas não se encontrava ativado.

Ela abriu a porta interior e entrou na casa, com Jason no seu encalce. O corredor estava às escuras e não se ouvia qualquer som. O silêncio era típico de uma casa tremendamente isolada, e, quando ela se anunciou, a sua voz pareceu-lhe abatida, morta.

Um fragmento de luz espalhou-se por uma porta parcialmente aberta que dava para o que Stephanie sabia ser a sala de estar principal da casa. Com uma mão apoiada na parede para se orientar, avançou aos poucos, dizendo «Está aí alguém? Polícia!», à medida que andava. Empurrou completamente para trás a porta dupla na ponta do *hall*, o que os tirou da escuridão.

— Oh, caramba! — exclamou Jason, e Stephanie percebeu exatamente ao que ele se referia. O impacto do que via era tão assombroso quanto da última vez que o vira. Podia não haver janelas do lado da entrada do edifício, mas a parede mais afastada da enorme sala de estar era uma janela única de vidro. O luar brilhante refletido no mar negro à distância. A casa parecia suspensa bem acima do oceano.

— Não há tempo para apreciar as vistas, miúdo. Está aí alguém? — voltou ela a gritar. — Polícia. Está alguém em casa? — Nem um som. — Vamos lá, Jason. Vamos passar revista ao local. — O espaço imenso onde se encontravam era aberto, com uma cozinha ultramoderna, uma mesa de jantar para umas 20 pessoas e um conjunto de sofás. Naquele preciso momento, uma nuvem tapou a Lua e Stephanie estendeu a mão para acender as luzes. Não aconteceu nada. — Merda — murmurou. — Vai buscar a lanterna... e depressa. Vou descer até aos quartos. Depois, vai à minha procura. — Jason voltou-se para trás, na direção da porta, e Stephanie avançou lentamente até ao cimo da escadaria, agarrando-se, para se apoiar, ao suave corrimão de aço. Sentiu-o frio sob os seus dedos. — Polícia! — gritou ela. — Sr. North... está em casa? — Apercebeu-se da falta de confiança na sua própria voz e amaldiçoou as recordações que tinha do lugar. — Sr. North? — voltou a chamar.

Apesar de ter sido uma mulher a ligar, Stephanie só tinha o nome North e, tanto quanto sabia, ele não voltara a casar.

A Lua, de súbito, reapareceu, arrastando o olhar dela para a visão hipnotizadora do seu reflexo na água escura, mas ela virou costas às escadas e com a mão direita sacou do cassetete. Agarrando-se com

força ao corrimão com a mão esquerda, desceu cautelosamente a escadaria de vidro, chamando enquanto avançava.

Aconteceu aqui qualquer coisa. Sentia-o.

Sabia que os quartos ficavam naquele piso, e na ponta mais afastada do corredor havia outra escadaria que dava para a cave. Não queria ter de descer até lá outra vez.

Ouviu passos pesados atrás dela e voltou-se para um feixe de luz intenso de uma lanterna, erguendo o braço para proteger os olhos do brilho.

— Desculpe, sargento. — A voz de Jason soou levemente irregular, como se ele estivesse assustado ou excitado. Ela não queria saber qual das duas hipóteses seria. Stephanie voltou a chamar sobre o silêncio. Lembrava-se de onde ficava o quarto principal. Da última vez que ali estivera, a porta permanecera aberta e North encontrava-se sentado na cama, de cabeça curvada, os ombros a tremer. Esticou a perna e empurrou suavemente a porta com o pé. Não precisaram da lanterna. O luar entrava em pleno pelas janelas do quarto, que iam do teto ao chão, a par do brilho amarelo tremeluzente de uma dúzia de velas estrategicamente dispostas em redor da divisão. — Credo!

A blasfémia sussurrada de Jason disse tudo. A cama era uma confusão de lençóis enrodilhados nas pernas e braços de duas pessoas.

Stephanie, do lugar onde se encontrava, não conseguiu distinguir o homem da mulher. O odor metálico confirmou o que via. Ambos os corpos se apresentavam imóveis e a roupa da cama branca estava encharcada em sangue espesso e escuro.

Apesar de a noite estar quente, Stephanie sentiu um arrepio na nuca e engoliu vigorosamente em seco. O que raio se passara ali? Sentiu uma necessidade urgente de fugir do quarto, para longe da cena brutal que tinha à sua frente.

Obrigando-se a respirar fundo, voltou-se para Jason e, num murmúrio, pediu-lhe que regressasse ao piso superior e chamasse alguém. Não precisou de um espelho para saber que o olhar arregalado de horror no rosto dele era um reflexo do seu.

Enquanto ele saía do quarto, Stephanie ouviu um som que lhe fez eriçar todos os pelos dos braços. Era o choro de uma criança muito pequena. Rodopiou para a porta, tentando descobrir de onde provinha.

Precisava de encontrar a criança, mas não soava a um choro de dor ou aflição, e, antes de poder sair do quarto, tinha de fazer uma coisa. Ia ter de contornar a cama ensopada em sangue e tocar em ambos os corpos para confirmar se se encontravam mortos, apesar de lhe parecer que não haveria grandes dúvidas. O padrão de salpicos na parede parecia um quadro abstrato, e borrrões viscosos vermelhos decoravam uma fotografia enorme a preto-e-branco de uma mulher loura, pendurada em lugar de destaque sobre o ponto onde eles jaziam.

Stephanie inspirou fundo e obrigou-se a dar um passo a seguir ao outro, aproximando-se dos corpos.

De início, achou que estava a imaginar coisas. Uma perna estremeceu. Pouco depois, o som distante da criança a chorar foi acompanhado por um som mais grave e profundo. Era um gemido de dor. E vinha da cama.

Um deles estava vivo.

PARTE UM

Três Meses Antes

Começou com pequenos atos cruéis. Um pé estendido, um grito de dor quando um joelho embatia no chão. Ele começou a apreciar isso. Os momentos tornaram-se mais frequentes; os gestos, mais brutos. O prazer, aparentemente, maior a cada ato insensível.

1

VEJO A FOTOGRAFIA DESDE O OUTRO LADO da rua. Preenche a montra da galeria, suspensa em arames finos, parecendo flutuar. É a imagem a preto-e-branco do rosto de uma rapariga, o seu corpo pouco mais do que uma sombra sobre um fundo negro. O contraste foi realçado para que cada superfície elevada da pele — uma maçã do rosto, o seu nariz, a ponta do queixo — brilhasse com um branco resplandecente, enquanto cada concavidade parece escura e reservada.

Estaco no passeio e fico a olhar fixamente. A galeria é pequena, não é maior do que as lojas de ambos os lados — uma pastelaria onde se vendem bolos sofisticados, e a outra exibindo as inutilidades que as pessoas compram nas férias e que para nada servem assim que termina a sua quinzena de sol: tubarões insufláveis, bolas de praia que rebentam mal alguém as pontapeia, colchões de ar rosa-choque e papagaios de papel extravagantes que, provavelmente, nunca hão de voar.

Comparativamente, a galeria é sofisticada, com a sua tabuleta cinzenta ostentando apenas duas palavras alinhadas na ponta direita, quase como que pedindo desculpa pela sua presença: Marcus North.

Não sei quanto tempo estive a olhar, mas a fotografia chama-me. Nem sequer reparo no trânsito caótico ao atravessar a rua estreita para parar diante da montra. Durante um bom bocado, perco-me nos meus pensamentos do passado, mas, finalmente, empurro a porta e entro. É um lugar espantoso que se estende desde as traseiras, as paredes de um cinzento-escuro. De poucos em poucos metros, uma coluna de tijolo pontua o estuque escuro onde se encontram penduradas as fotografias, discretamente iluminadas no topo e, apesar da ausência de cor, a cintilar com vida.

Uma imagem atrai-me e, lentamente, avanço três passos até ao núcleo da galeria, com os olhos fixos numa imagem de duas crianças, uma negra, outra branca, a brincarem juntas. Uma mão negra parece afagar uma bochecha branca, enquanto uma mão branca se encontra assente sobre

uma perna negra. Uma vez mais, o contraste foi realçado, e os sorrisos de dentes de bebê são cativantes.

Sobre cada uma das colunas de tijolo há uma pequena escultura de bronze: uma cabeça de porco, uma mão engelhada, uma perna de bailarina dobrada pelo joelho. E, pendurada em cada escultura, há uma joia de prata do mais belo e original que já vi. Um colar comprido com formas ondulantes está pendurado na asa de uma ave, há um brinco pousado no focinho de um porco.

Sinto alguém atrás de mim e viro a cabeça.

Em puro contraste com os tons monocromáticos da galeria, a mulher usa um vestido curto sem mangas em fúchsia. Tem o cabelo muito curto, quase à escovinha, e pintado de um branco ofuscante. Os olhos dela parecem agarrar-me, não me soltando. Cinzento-claros, brilhantes e enormes, observam-me.

Eu sei quem é. Cleo North.

— Posso ajudá-la? — pergunta ela. — Ou está só a dar uma vista de olhos?

Sorri, mas trata-se de um sorriso profissional de vendedora e ostenta uma pequena e genuína cordialidade. Aclaro a garganta, zangada comigo mesma pelo meu nervosismo, mas lembro-me do que me traz aqui e a ansiedade esmorece conforme me abeiro dela, estendendo a mão. A dela é fria ao toque.

— Evie Clarke — apresento-me. — Estava interessada em ver se a fotografia de Marcus North é tão boa quanto me disseram.

Os olhos cinzentos estreitam levemente.

— Sou a Cleo North, a irmã do Marcus. Penso que vai achar que provavelmente será melhor. Posso perguntar-lhe como ficou a conhecer a obra dele?

Sorrio e enrolo um fio do meu cabelo louro comprido, que, entre os meus dedos, quase parece de um amarelo-vivo perto do branco puro do da Cleo.

— Recentemente, andei a fazer umas pesquisas e encontrei um artigo num jornal local sobre o Marcus. Dizia lá que a Cleo é a sua gestora.

— Ah, então é cá da terra? — pergunta ela, com uma expressão algo baralhada que sugere que, sendo esse o caso, deveria conhecer-me.

— Não, sou de Londres. Mas uma amiga que estava aqui de férias levou-me um jornal. Fiquei curiosa e decidi viajar até cá para ver as fotos com os meus próprios olhos. Procuo uma pessoa que me tire uma série de

fotografias. — Sorrio à Cleo, consciente de que o que pretendo parece extremamente fútil. — São para o meu pai, mas se deixasse nas mãos dele, provavelmente acabaria com uns retratos com umas poses pomposas, por isso pedi para ser eu a escolher o fotógrafo.

Deteto um vislumbre de preocupação no olhar dela, que disfarça com outro sorriso.

— Não sei se o Marcus de momento faz esse tipo de retratos. Tem-se concentrado mais na fotografia de reportagem, captando imagens que contam uma história. Estas — diz ela, indicando com a mão os retratos na galeria — são essencialmente exemplos da sua obra inicial.

Assinto, dando mostras de ter compreendido.

— Ouça, porque é que não falo eu com ele, para lhe explicar o que pretendo? O meu pai tem bons contactos e, se gostar do resultado, decerto terá todo o gosto em passar palavra. — Apercebo-me da indecisão no olhar dela. Tem aspirações para o irmão. O artigo do jornal deixou isso claro. Tenho de encontrar uma forma de a convencer. — Não sei se ajuda, mas não procuro especificamente imagens de estúdio. Adoraria ter algumas fotos tiradas ao longo do tempo com diferentes estados de espírito em locais variados. Não quero nada óbvio, nem demasiado encenado. — A Cleo parece vagamente ofendida por eu poder pensar que o Marcus seria capaz de fazer algo mundano.

— Bem, acho que pode constatar que as fotos dele nunca são aborrecidas. Ele é muito requisitado, como pode imaginar. — Foram necessários mais dez minutos de persuasão subtil, com o engodo tácito de enaltecer a fama do Marcus, antes de ela começar a descontrair e eu detetar uma ponta de entusiasmo. Tenho a certeza de que exagerou imenso a presente procura pelo trabalho dele — ele tem sido virtualmente um recluso nos últimos 18 meses — e vislumbro ambição no seu olhar. Não por ela, mas pelo Marcus. Percebo que já está do meu lado. — Como é que gostaria de levar o processo? — questiona, mostrando pela primeira vez, desde que cheguei, um sorriso genuíno. Eu nunca pensara nisso, mas, depois do que acontecera ao Marcus, talvez as pessoas por vezes fossem à galeria para tentar vê-lo, para verificar se tem a tragédia estampada na cara. Mas parece-me que a Cleo acredita que o meu interesse é genuíno.

— Tenho de me encontrar com o Marcus para compreender como ele trabalha, para ver se as ideias dele combinam com as minhas e se, naquilo

que será potencialmente um desafio mais difícil, vai ao encontro das expectativas do meu pai.

— Oh, tenho a certeza de que sim. Deixe-me falar com ele, e depois dou-lhe novidades.

Faço um ar desagradado.

— Não me quero demorar muito. Se ele não estiver interessado, prefiro saber já do que andar a perder tempo. Se possível, gostaria de encontrar-me ainda hoje com ele.

Percebo que a sugestão a preocupa, mas lá acaba por concordar em falar de imediato com o irmão para marcar um encontro, e pega no telefone. Percebo pela sua expressão que ele não fica contente com a ideia. Viro costas, como se não tivesse reparado. Tenta manter uma voz alegre e animada e vagueia pela galeria para poder exercer em privado a sua magia sobre o irmão.

Finalmente, desliga e sorri-me.

— Ele sabe que se quer encontrar com ele hoje e concordou. Envolve-se muito com o seu trabalho e por vezes pode parecer um pouco ausente, mas penso que faz tudo parte do temperamento de um artista.

Está a arranjar-lhe desculpas antes sequer de eu o conhecer, mas mostro-lhe um sorriso de compreensão enquanto me entrega a morada.

Despeço-me, consciente de que não será certamente a última vez que vejo a Cleo, e opto por ir a pé até à casa do Marcus North para me dar tempo de organizar os pensamentos e planear como o convencer a aceitar o trabalho.

Ao subir o caminho íngreme que leva à casa dele, olho para baixo para a praia. Há crianças a brincar na areia, a rir e a gritar ao entrarem no mar gélido, salpicando as suas mães e pais mais adversos ao frio. Invejo os seus espíritos livres. Não me lembro de alguma vez me ter sentido assim em criança.

Arrasto-me pelo declive acima sobre gravilha grossa até ver a grande parede branca que é a casa do Marcus North, embora eu saiba que não foi a sua fotografia que a pagou. Não se vê qualquer janela, mas estou certa de que do outro lado da parede tudo será diferente. A casa encontra-se empoeirada na beira de uma escarpa e a vista será assombrosa.

Aproximo-me da grande porta de madeira e ergo o punho esquerdo para bater. Bato na porta e a dor na mão é excruciante, insuportável.

E, ainda assim, continuo a bater e a gritar ao mesmo tempo. Sei que tenho de parar... pela saúde da minha mão. Mas não posso e, quanto mais bato na porta, mais soffro.

Conforme a dor intensa me puxa do meu sono induzido pela medicação, levando com ela as réstias do meu sonho, percebo que nada é real, a não ser a dor na mão. Não estou parada à porta do Marcus North. Em vez disso, estou dentro de casa — deitada na cama num quarto escuro com uma enorme janela sobranceira ao mar. Desde o pulso à ponta dos dedos, a minha mão esquerda está encerrada em gesso e dói imenso. O efeito da medicação deve ter passado e sinto um latejar penoso e um desejo de coçar um pedaço de pele ao qual não chego.

Sinto os olhos a colar. Devo ter estado a chorar durante o sono ao recordar aquele dia. Todos os segundos do meu sonho foram uma reposição de um dia há quase dois anos, precisa até ao ponto em que ergui a mão para bater à porta. Naquele momento, a dor lancinante que agora me faz arquejar transpôs-se para dentro do sonho, com a sensação a imiscuir-se na história, perturbando os derradeiros momentos.

Quero mergulhar de novo naquele momento — recordar a mim mesma o que aconteceu a seguir e convencer-me de que todas as decisões tomadas desde esse dia foram as acertadas. Mas os fios da teia rebentam uma a uma e sei que, mesmo que voltasse a adormecer, haveria poucas hipóteses de regressar até junto daquela porta, à espera de que a abrissem. O sonho esvoaçou para longe.

— Evie? — A voz, por norma tão confiante, soou hesitante, preocupada.

— Estou acordada. Podes entrar. — Mantenho os olhos fechados. Não quero ver a perfeição da Cleo quando tenho a noção do meu aspeto. — A Lulu está bem?

— Sim. Está a dormir uma sesta, mas tem estado ótima. O que posso fazer por ti? — Abeira-se da cama e sinto-a sobre mim, embora não olhe para ela. — Tens os olhos remelosos... Onde está o teu desmaquilhante? Posso dar um jeitinho, se quiseres.

— Casa de banho. — De repente, falar parece-me muito complicado e ao saber, agora, que a Lulu está bem, só quero que a Cleo saia.

— Não o encontro — grita ela desde o outro lado da porta.

— Chama-se sabonete — respondo.

Não preciso de lhe ver a cara para saber que estará a abanar a cabeça, chocada com os meus padrões tão baixos. Às vezes, gosto de a provocar.

A Cleo usa a sua perfeição como uma armadura, como a concha de caurim dura e reluzente que na semana passada apanhei na praia para a Lulu — impenetrável, mas bela. Tudo o que há nela no exterior é ousado e brilhante — desde o cabelo pintado de branco, à maquilhagem perfeita e às cores vivas das suas roupas. Já vi pessoas espedadas na rua a olharem para ela, a interrogarem-se quem seria aquela criatura imaculada, sem perceberem que, por muito que se esforçassem, não lhes seria permitido aproximarem-se. O acesso à verdadeira Cleo apenas é concedido a alguns eleitos — e eu não sou um deles.

Ouçoa-a voltar a atravessar o quarto na direção da cama.

— Arranjei algum algodão húmido. Deve servir. — Limpa-me com gentileza e mantenho-me quieta. Não quero que me toque. Nunca seremos próximas, mas esforçamo-nos ao máximo a fingi-lo e neste momento sinto uma preocupação genuína dela. Senta-se cuidadosamente na beira da cama e detém-se antes de fazer a pergunta que eu sabia que vinha a caminho. — Tens a certeza de que não queres que chame o Mark?

À menção do nome dele, regresso ao meu sonho — do lado de fora da porta alta na parede branca comprida, a bater na madeira. Mas, agora, estou lá na minha memória. Infelizmente, estou bem desperta e penso em como o tempo passou depressa. Quanto do que aconteceu desde então bloqueei eu da minha mente?

O homem que naquele dia foi à porta estava uma miséria — sujo, desgrenhado, com uma barba de três ou quatro dias, sem qualquer ponta de estilo.

«Marcus North?», perguntei.

«Não. Chamo-me Mark. Com um K. Sempre foi... sempre será.»

Eu já o sabia, mas não percebera que ele não alinhava em todo o fingimento de um cenário mais prestigiado do que a realidade.

«Desculpe», disse eu. «Então, calculo que seja Mark North?»

Passou uma mão pelo seu cabelo oleoso, mantendo-a lá quando chegou ao pescoço.

«Desculpe. A minha irmã acha que me faz parecer mais interessante chamar-me Marcus. Pensei que o que contasse fosse a qualidade das minhas fotos, mas parece que não.»

A minha breve memória daquele dia é de novo perturbada quando a Cleo me pressiona a responder à sua pergunta. Até ela deixara de lhe chamar Marcus, porque ele acabou por recusar-se a responder a esse nome.

— Não, é claro que não. Sabes bem que ele se agarraria a qualquer desculpa para vir já para casa e esforçaste-te imenso para lhe arranjar este contrato. Eu cá me ajeito.

A Cleo levanta-se da cama e encaminha-se para a janela que vai do teto ao chão, ficando a contemplar o mar. Espreita de novo para a minha mão e volta a desviar o olhar.

— Não entendo como é que fizeste isso, Evie. Para mim, não faz qualquer sentido.

Por momentos, imagino a minha mão, bem firme nos pesos mais baixos do aparelho de musculação, seis blocos, cada um deles pesando cinco quilos e a pairar sobre mim. Vejo outra mão, a segurar a barra que mantém os blocos no ar. A mão larga e, na fração de segundo que os 30 quilos levam a estilhaçar os meus ossos, espero pela dor, sabendo que provavelmente terei partido carpos, metacarpos e falanges. Sei o nome da maioria dos ossos do corpo.

— Eu disse-te. A barra deslizou-me dos dedos na altura errada. É estúpido, mas dizem que a maioria dos acidentes acontece em casa.

— Mas o Mark tinha saído pouco antes. Porque é que não lhe ligaste para ele voltar para trás?

Suspiro ao ouvir isto. Não me ocorre uma resposta sensata, ou, pelo menos, uma em que a Cleo acredite.

— Agora está feito. Não vale a pena obrigá-lo a voltar para trás. Se não te importares de ajudar um pouco com a Lulu, nós ficamos bem. Prefiro que ele não regresse. — Lança-me um olhar duro. — Nem penses, Cleo. Sabes que vai ficar stressado e eu, neste momento, não consigo lidar com isso. Quando ele voltar, vou sentir-me muito melhor... muito mais capaz de lidar com tudo.

E vou estar. Tenho de estar.

2

QUANDO CONHECI O MARK, tentei fazer com que a Cleo gostasse de mim. A influência dela sobre ele naquela época era tão forte que não podia dar-me ao luxo de a ter como inimiga, mas, quando o equilíbrio de forças tendeu para o meu lado, senti o ressentimento dela, e então desenvolveu-se uma relação de tolerância superficial. O Mark é imune a tudo isso. Ele vê-me a dar as boas-vindas à Cleo à nossa casa, a convidá-la para comer connosco, nunca se apercebendo do quanto ela odeia o facto de ser bem acolhida por minha ordem.

Ela cumprirá o seu dever, agora que me magoei, consciente do que o Mark espera da parte dela — mas sinto-me aliviada por ter cerca de uma hora de pausa dos cuidados dela enquanto leva a Lulu a dar um passeio. Noto que se sente preocupada. Serei assim tão desastrada que não deva tomar conta da filha do irmão dela? Porque a Cleo sabe que não é a primeira vez que sofro um acidente doloroso. A resposta óbvia é uma que não está preparada para levar em consideração.

São cada vez mais as vezes em que a apanho a olhar para mim de soslaio, como se não soubesse o que faço eu aqui, a invadir as vidas deles.

Fecho os olhos. Até os analgésicos começarem a fazer efeito, não tenho hipóteses de dormir e, mesmo quando o faço, sei que não vou regressar ao meu sonho. Mas consigo recordar e imaginar o modo como o destino exerce a sua magia.

Naquele primeiro dia, quando o Mark abriu a porta com um ar de quem acabara de se levantar da cama onde estivera enfiado uns dias, estava zangado. Estava demasiado magro; fazia-o parecer ainda mais alto. Os seus olhos, cinzentos como os da irmã, mas ainda mais frios, fitaram-me intensamente. Disse-me que tivera tempo para refletir e decidira que não tinha nada para oferecer, pelo que eu deveria ir-me embora e não voltar mais.

Não foi o melhor começo, mas também não foi inesperado. Regressei à galeria e expliquei o sucedido. Não tinha a mínima intenção de desistir, mas não ia permitir que a Cleo se apercebesse disso.

— Lamento imenso — disse ela. — Será que me pode dispensar algum tempo para ver se ele reconsidera?

Ergui os olhos aos céus, como se pensasse profundamente no assunto.

— OK, mas o meu pai está ansioso por saber pormenores. Se eu não puder ter o Marcus, terei de procurar outra pessoa.

A Cleo levou 24 horas, mas finalmente conseguiu convencê-lo a pelo menos conversar comigo, pelo que no dia seguinte lá voltei eu a arrastar-me pelo carreiro acima. Contudo, dessa vez o tempo estava chuvoso e ventoso, o clima de verão tipicamente instável, como acontece com frequência no sudoeste de Inglaterra. Havia umas quantas pessoas na praia, a tentar, sem grande sucesso, pôr papagaios a voar, mas a maioria das famílias andaria, provavelmente, a passear pelas arcadas de diversões ou num dos inúmeros cafés.

Quando o Mark abriu a porta, nem quis acreditar que era o mesmo homem. O cabelo dele, que na véspera parecera grosso e escuro, fora acabado de lavar e era de um castanho-avermelhado agradável, e cortara a maior parte da barba. O seu olhar perdera a fúria e agora parecia confuso — como se não fizesse a mínima ideia de como fora convencido a alinhar naquilo. Só meses mais tarde vim a saber que a Cleo ameaçara fechar a galeria e mudar-se se ele recusasse novas encomendas.

Estendeu a mão para me cumprimentar.

— Peço desculpa por ontem — disse. — Estava a trabalhar numas imagens e não estavam a sair bem. — Baixou a mão e olhou-me nos olhos. — Na verdade, é tudo treta. Eu fui desagradável e peço desculpa por isso.

Comecei a gostar dele nesse momento e não consegui perceber se isso era bom ou não.

Com um braço, convidou-me a entrar em sua casa e passei diante dele através da enorme porta de madeira na parede completamente branca.

— Oh... meu... Deus! — Avancei devagar, apreciando, espedada, a vista espetacular à minha frente. Sabia que era o piso mais elevado da

propriedade — ninguém lhe chamaria casa — e parecia flutuar sobre o mar com uma folha de vidro enorme salpicada pela chuva a formar a única barreira face à água bravia lá em baixo. Até num dia como aquele a vista era de cortar a respiração.

O Mark indicou-me que me sentasse num sofá virado para a janela, e eu mal me conseguia concentrar no que ele dizia enquanto falava das suas fotografias, das suas influências, da sua abordagem a cada novo assunto e das técnicas que gostaria de usar para as minhas fotos. Estava constantemente a ser distraída pela vista de uma ave a planar sobre o mar, ou das ondas a embaterem numa rocha que se elevava bem acima da água na baía.

Ofereceu-me um café e dirigiu-se à cozinha, instalada ao longo da parede da sala comum. Sem desviar os olhos da paisagem, eu conseguia ouvir o som dos grãos de café a serem moídos e sentir o aroma que preenchia o ar.

Espreitei para o resto da divisão, que até àquela altura mal me prendera a atenção. Virei a cabeça em todas as direções, à espera de ver mais fotos enormes como as da galeria. No entanto, havia apenas uma, pendurada na parede atrás de mim, virada para a janela onde, percebi, captaria a luz em movimento de cada dia. Era um retrato de uma mulher de cabelo preto curto escovado para trás, um rosto magro dominado por lábios grossos e claros. Todavia, foram os olhos pequenos e levemente semicerrados que me atraíram. Pareciam observar-me, julgar-me, e, quando me virei, senti-os cravados nas minhas costas.

Enquanto bebericava o café da caneca de porcelana que o Mark me passara, tentei desviar aqueles olhos na minha mente e encetei conversa com ele. Precisava que gostasse de mim. Que confiasse em mim. Tentei fazer com que se libertasse, sorri às tentativas dele de ter graça e à óbvia crença de que tinha de me cativar, nem que fosse para manter a sua irmã calada. Não me iludi com a possibilidade de ser algo mais. Pelo menos, na altura.

Acordámos que ele iniciaria o projeto trabalhando em seis fotografias, todas captadas em dias distintos, em horas diferentes, para que a luz variasse. Ele teve a ideia de me tirar uma foto entre uma multidão de veraneantes, mas apenas a minha imagem receberia tratamento

de alto contraste, com os outros esmorecidos em tons de cinza para que eu me destacasse — literalmente — da multidão. Ele tinha outra localização em mente, onde eu poderia pairar sobre os baluartes de um edifício em ruínas e parecia que, agora que aceitara a encomenda, começava a ficar entusiasmado.

Quando já não me ocorria nenhuma justificação válida para prolongar a minha visita, levantei-me para me ir embora. Mas não podia partir sem lhe perguntar pela sua casa.

— É espetacular em termos de design. Deve ter levado anos a construir. Vive cá desde que foi construída?

A expressão dele tornou-se mais reservada.

— Não.

Os olhos na fotografia observavam-me, desafiando-me a ser impulsiva, e de repente comportava-me de forma grosseira como um mirone a ver um acidente numa estrada.

— Então, há outro piso abaixo deste... Os quartos, calculo?

O maxilar dele estava tenso. Eu tinha a noção do que estava a fazer, mas não podia parar. Sabia que os pisos inferiores estavam talhados na rocha e, tal como a sala, tinham as janelas voltadas para o mar.

— Na verdade, são mais dois pisos. — Não me olhou nos olhos quando respondeu.

— Meu Deus... O seu estúdio fica na cave?

Não respondeu logo.

— Não. Lá em baixo há uma piscina e um ginásio. Mas estão fechados.

Pegou em ambas as canecas de café vazias, que chocaram com um ruído surdo.

— Não usa nenhum deles?

— Eu não vou lá abaixo.

Ergui as sobrancelhas.

— Não está assombrado, pois não?

— Provavelmente. Foi onde morreu a minha mulher. — Os olhos do Mark moveram-se subitamente para a esquerda, para o retrato.

Mostrei um ar chocado e apolético, como se eu, ao contrário de toda a gente que conhecia o nome Marcus North, não soubesse já do sucedido. Senti os olhos do retrato a julgar-me.

Já lá vão 22 meses desde que tivemos aquela conversa, na primeira vez que vim a esta casa, e mais de 11 meses desde que me mudei. Ainda hoje faço tudo para evitar o olhar da Mia North, a falecida mulher do Mark.

3

CLEO ENCOSTOU-SE À PORTA DE VIDRO embaciada do café, empurrando-a com as costas e puxando o carrinho de Lulu atrás dela, tentando, provavelmente sem sucesso, disfarçar a sua surpresa quando um adolescente com demasiados *piercings* se prontificou a ajudá-la.

— Obrigada — disse, enquanto o rapaz se curvava para sorrir a Lulu, que parecia completamente à vontade com a visão de todo aquele metal cravado no rosto dele.

Ela espiou em volta pela sala meio vazia, os seus olhos à procura do vulto reconfortante da sua melhor amiga, Aminah Basra. Dentro de um par de meses, o café estaria a abarrotar de gente de férias e nem ela nem Aminah se poderiam sequer aproximar, mas antes de a estação começar, era um lugar agradável e adequado para se encontrarem. Uma trunfa de cabelo preto indisciplinado chamou a atenção de Cleo e Aminah ergueu o braço num aceno entusiástico. Empurrando o carrinho de bebé até ao canto mais distante onde a sua amiga estava sentada a mimar um *cappuccino*, Cleo retribuiu-lhe o amplo sorriso.

— A tua cara! — disse Aminah quando Cleo se sentou. — É o que dá ser preconceituosa em relação às pessoas.

— Eu sei. Sinto-me envergonhada. A minha reação natural foi impedir o pobre rapaz de se aproximar demasiado da Lulu. Foi horrível, não foi? — Cleo inclinou-se sobre a mesa e fez uma careta. — Mas não percebo como é que ele se assoa — segredou. — Adiante! É bom ver-te. E o Anik?

— Deixei-o com a avó, que vai tentar ensinar-lhe bons modos, pois acha que sou demasiado complacente com os meus filhos. Devia ser ao contrário, não é? Os avós a desculparem tudo? E porque é que ficaste com a Lulu? Mas é sempre um prazer vê-la.

Uma empregada de ar entediado dirigiu-se à mesa delas vagarosamente para anotar o pedido de Cleo antes de ela ter a oportunidade

de explicar e isso deu-lhe um momento para refletir sobre a sua resposta. Aminah passara bastante tempo com Evie nos últimos meses e uma ou outra vez sugerira que Cleo era um pouco dura com a companheira do irmão, pelo que ultimamente se andava a esforçar para garantir que não deixava transparecer criticismo na sua voz.

— A Evie teve outro acidente. Mas não te preocupes... já está bem. Encharquei-a com medicamentos e está a dormir.

Aminah mostrou um ar horrorizado.

— O que é que aconteceu? O Mark sabe?

— Tinha acabado de sair quando aconteceu. Ela pediu-me para não lhe ligar, mas está com muitas dores. Entalou a mão e partiu uns ossos.

— Entalou a mão *como*, por amor de Deus?

Cleo não queria descrever o acidente de Evie. Horrorizava-a imaginar os pesos a esmagarem-lhe os dedos, mas sabia que Aminah não pararia de fazer perguntas até ter todos os pormenores.

— Ela disse que estava a fazer uns *lat pulldowns* no ginásio. — Cleo apercebeu-se da expressão de perplexidade de Aminah e sorriu-lhe levemente. — Não te preocupes... não precisas de saber o que significa. Seja como for, inclinou-se para a frente para ajustar os pesos, enquanto se mantinha agarrada à barra. Devia ter as mãos escorregadias com a transpiração e largou a pega quando tinha a outra mão entre os pesos. Um acidente estúpido que nunca deveria ter acontecido. Deve ter durado uns segundos. Mas vai ficar bem e não quer que eu ligue ao Mark.

— O ginásio. — Aminah fitou fixamente Cleo nos olhos. — Outra vez.

Cleo desviou o olhar, remexendo na cadeirinha de Lulu, afagando o cabelo sedoso da sobrinha.

— Eu sei — disse ela, sem desviar os olhos da criança. — O Mark continua sem lá entrar... desde que a Mia morreu, tanto quanto sei. E a Evie provavelmente receia que ele feche aquilo se ela lhe contar o que lhe aconteceu. Ela detestaria isso... está sempre a levar a Lulu para a piscina. Diz que é crime viver tão perto do mar e não ensinar os filhos a nadar.

— Tem a sua razão.

Cleo suspirou. Tudo o que Evie dizia parecia sensato, mas ultimamente andava com uma grande tendência para sofrer acidentes.

— O que se passa nessa tua cabeça, Cleo? — questionou Aminah.
— Vá lá, eu conheço essa cara.

Cleo levantou a cabeça e olhou Aminah nos olhos.

— Não sei o que pensar e sei que vais dizer que estou a ser ridícula... e é por isso que hesito em contar-te alguma coisa. — A empregada levou o pedido de água com gás para Cleo, água sem gás para Lulu e um segundo *cappuccino* para Aminah, pousando abruptamente tudo na mesa sem abrir a boca. Nenhuma das mulheres lhe prestou atenção. Aminah olhava fixamente para Cleo, à espera de que a amiga prosseguisse. — A questão, Aminah, é que não é o primeiro acidente dela, pois não? E acontece sempre quando o Mark está a sair. Como daquela vez em que entornou água a ferver por cima dela própria? Disse que espirrou quando estava a verter a água da chaleira para a caneca e que se salpicou, mas eu vi por baixo da ligadura e foi mais do que um salpico.

— E então, onde é que queres chegar? Que anda à procura de atenção... ou não passa de uma pura desastrada? Se fosse pela atenção, iria querer que o Mark viesse para casa a correr, certo?

— Não sei. Mas há algo que não bate certo.

Aminah fez um som de desdém.

— Caramba, Cleo, também disseste isso em relação à Mia. Também não gostavas dela e não confiavas nem um bocadinho nela.

— Isso surpreende-te? Era muito mais velha do que o Mark e achava que a fotografia para ele não passava de um passatempo. — E continuou, imitando um sotaque americano: — O Mark agora está casado comigo, pelo que não precisa de ter sucesso. Eu sou suficientemente bem-sucedida pelos dois e temos todo o dinheiro de que precisamos... deixa-o divertir-se.

Fez uma careta a Aminah, que se riu.

— Sabes, minha querida, que há muito a dizer em relação a «deixa-o divertir-se». Tu queres que o Mark seja famoso, mas é isso que *ele* quer?

Cleo despejou alguma água para o copo de Lulu e apertou a tampa.

— Toma, minha querida. — Lulu era tão sossegada. Com nove meses já começava a parecer-se com Mark, com um cabelo castanho-avermelhado como o dele.

— Estás a ignorar-me, Cleo — disse Aminah, baixinho.

— Sempre tive de tomar conta do Mark... sabes muito bem isso.

— Tretas. Já te disse isto antes e volto a dizê-lo, quer tu gostes, quer não. Tratas o Mark como se ele fosse o teu filho de 7 anos, em vez do teu irmão de 37. Sei que tomaste conta dele depois de a vossa mãe ter partido, mas já é adulto e pode cometer os seus próprios erros, se é isso que a Evie é... E, sinceramente, não percebo porque é que haverias de pensar isso. Ela é boa pessoa, sabes? Gosto dela, mas, indo diretamente ao que interessa, o Mark parece que a ama, por isso, porque é que não fazes um favor a ti mesma e descontrais um pouco? Talvez esteja na altura de teres alguém a tomar conta de ti e a preocupar-se com as tuas coisas. — Aminah proferiu as últimas palavras suavemente, e por uma fração de segundo Cleo sentiu a necessidade de deixar ir e permitir que a sua vida seguisse o seu rumo sem sentir a compulsão de a controlar. Contudo, tivera a sua oportunidade e fizera a sua escolha. Mas não ia admitir isso a Aminah. O seu momento de introspeção terminou quando chegou um prato de bolos à mesa. Abanou a cabeça na direção de Aminah, fingindo desânimo. — O que foi? — perguntou Aminah ao trincar uma espécie de doce de compota que deixou Cleo arrepiada. — Gosto de bolos... é uma das alegrias da minha vida. Sou a tua melhor amiga e adoro-te, mas de onde é que vem a tua *alegria*? Passas os teus dias a tentar motivar o Mark e a esforçar-te por manter essa tua forma comprovadamente fabulosa. Mas a que custo? Porque não beber um copo, comer umas batatas fritas, arranjar um tipo e fazer sexo na praia de forma selvagem e apaixonada em plena luz do dia? — Aminah sorriu ironicamente a Cleo, que se sentiu tentada a admitir que muitas vezes queria fazer o que a amiga sugeria. Mas sempre receara que, se baixasse a guarda, nem que fosse um bocadinho, tudo se desmoronaria. — Já não estás longe dos 40, Cleo. Uma bela idade, e de aproveitar. Mas és feliz? Porque é só isso que quero para ti.

Aminah estendeu o braço por cima da mesa para tocar na mão de Cleo, mas a conversa tinha de ser desviada.

— Não te preocupes comigo. A sério que estou bem e, sejamos francas, já não é a primeira vez que ouço todos esses teus maravilhosos conselhos. — Cleo sorriu para que as suas palavras não parecessem demasiado duras. — Diz-me lá o que devia fazer em relação à Evie. Achas que, tendo em conta os acidentes dela, é seguro que ela tome conta da Lulu?

— Desculpa, minha querida. Isso não é nada contigo. Se alguma vez sugerires ao Mark que a Evie não tem capacidades para tomar conta da filha deles por ter sofrido uns acidentes em casa, vais abrir uma brecha enorme entre vocês os dois. Quase fizeste isso quando ele casou com a Mia, por isso não tornes a cometer o mesmo erro. Ficaste devastada de última vez que ele te afastou.

Cleo permaneceu em silêncio. Aminah tinha razão — ela não gostava de Mia e tentara que Mark visse que a sua mulher o sufocava tanto a ele como ao seu talento. Mas Evie era diferente. Parecia apoiar Mark sem reservas, por isso, porque é que se magoava sempre que ele saía de casa?

Cleo percebeu que Aminah não estava cem por cento do seu lado. Ela e Evie tinham imenso em comum — ambas tinham filhos e, segundo Aminah, partilhavam alguns maus hábitos. Cleo não conseguiu deixar de pensar na possibilidade de a amizade delas aos poucos, com o tempo, empurrar para segundo plano o seu próprio relacionamento com Aminah. Ainda na semana anterior passara diante do café e vira as duas a deliciarem-se com uma fatia de bolo de chocolate, rindo de algo. Não se juntara a elas, achando que poderia ser uma intrusão.

Presentemente, havia apenas três pessoas na vida de Cleo que eram importantes — Mark, Lulu e Aminah — e naquele momento era como se Evie estivesse a tornar-se rapidamente o eixo em redor do qual todos giravam, com Cleo na linha lateral, a ver, mas sem participar.

4

ENQUANTO CLEO EMPURRAVA AOS SOLAVANCOS o carrinho de bebé de Lulu pelo caminho esburacado até casa de Mark, tentou afastar da sua mente as palavras de Aminah. Era verdade que não gostava de Mia — tanto pela sua arrogância como pelo facto de fazer Cleo sentir-se uma parva por ser tão entusiástica em relação à fotografia de Marcus. Oriunda de famílias tão abastadas, Mia tinha um ar de quem se achava merecedora de certos privilégios. Tratava Mark mais como um adolescente indisciplinado do que como marido, sorrindo condescendentemente quando ele falava, e Cleo cometera o erro de o referir ao irmão. Quase levava a uma separação que não fora sanada até que Cleo, com relutância, pedira desculpa. Mas ela culpava-se em absoluto por ter juntado Mark e Mia.

Tal como Evie, Mia aparecera um dia na galeria para contratar um fotógrafo — no caso dela, para tirar fotografias ao longo de épocas diferentes da sua espantosa casa nova com a sua parede toda em vidro sobranceira ao mar. Cleo esforçara-se imenso por, em nome de Mark, assegurar o trabalho, e durante um ano ele subira até lá todas as semanas para passar uns dias à espera das condições atmosféricas e luz corretas. Nunca ocorrera a Cleo que o seu irmão se pudesse interessar por aquela americana magra com o seu rosto quase descarnado e não percebera que eles se estavam a tornar próximos até Mark lhe anunciar que iam casar.

E, agora, havia Evie — diferente, de tantas maneiras. Porque é que Cleo não conseguia gostar mais dela? Tinha de agradecer a Evie por ter arrancado Mark da caverna sombria onde se enfiara após a morte de Mia, mas não conseguia evitar uma ponta de despeito por Evie ter sido bem-sucedida onde ela falhara de modo tão clamoroso.

— Lulu, não passo de uma mulher de meia-idade com mau feitio — disse ela à criança, descansada por saber que nem a compreenderia nem poderia repetir algo que ouvisse. — Mas adoro tanto o teu

pai, e tudo o que eu sempre quis foi que fosse feliz. Mas acho que a tua mamã não gosta de mim. — Suspirou, sabendo que era verdade. Desde há uma semana que vivia lá em casa com Evie, tomando conta dela e de Lulu. Isso deveria ter servido para as aproximar, mas, apesar de Evie ser educada, Cleo nunca achara que formassem uma família. Havia Cleo e Mark, ou Evie e Mark — e Lulu, claro. Se não fosse por mais ninguém, pelo bem da criança tinha de manter Evie por perto. As hipóteses de Cleo ter filhos eram mais remotas a cada ano que passava e precisava de deixar que todo o seu instinto maternal inundasse Lulu. Por momentos, pensou no amor de que dispusera, mas que rejeitara. Virar costas a Joe fora uma das coisas mais difíceis que alguma vez tivera de fazer, mas teria implicado muitos sacrifícios. Não só dela, mas também de Joe. — Vamos lá levar-te para casa, amorzinho. Está na hora da tua sesta — disse, ignorando as lágrimas que começavam a surgir no fundo dos seus olhos.

Ao chegar à comprida parede branca da casa, Cleo encaminhou-se para a garagem. Uma porta pouco usada para lá de dois carros estacionados dava para um jardim recatado que se estendia ao longo de um dos lados da casa, o seu limite mais afastado, sobranceiro ao mar, a proporcionar uma vista estupenda sobre a escarpa para os dois pisos inferiores da habitação, embutidos na rocha. Cleo tinha a sua própria chave da porta de entrada, mas Evie não sabia e ela não achou que fosse a altura ideal para revelar a sua existência.

Por um momento, recordou o dia, há mais de três anos, em que fora lá a casa sem ser convidada, para se encontrar com Mia. Entrara, certa de que Mia nem sabia nem aprovaria o facto de ela ter uma chave, mas querendo precipitar uma discussão — uma desculpa para lançar a sua fúria em relação à forma como Mia tratava Mark.

Cleo inspirou fundo, esforçando-se por afastar da mente os pensamentos desse dia. Os pesadelos já tinham parado, e era melhor não trazer as lembranças à tona.

Enquanto entrava pela porta das traseiras da garagem para o jardim, Cleo espreitou pela comprida janela que dava para a zona da cozinha do enorme espaço comum. Viu Evie sentada num banco alto, curvada sobre a bancada, a cabeça pousada nos braços dobrados. Estaria a chorar? Teria acontecido mais alguma coisa?

Apressou-se na direção da porta e empurrou-a para a abrir, puxando o carrinho de bebé atrás de si.

— Evie, está tudo bem? — perguntou ela.

Evie ergueu a cabeça. Tinha os olhos vermelhos, mas secos.

— Está tudo bem, só me sinto cansada.

Cleo fechou a porta e retirou Lulu do carrinho.

— Porque é não vais deitar-te outra vez?

— Não preciso, a sério. Se dormir agora, passo a noite acordada.

— Os comprimidos não ajudam? — questionou Cleo, fazendo um esforço por despir o casaco a Lulu.

— Um pouco, mas se adormecer profundamente, rebolo sobre o braço e depois dói-me como tudo.

Cleo instalou Lulu na sua cadeira de baloiço e passou-lhe alguns dos seus brinquedos preferidos. Ela era muito boa a entreter-se sozinha e adorava tudo o que gerasse som ou emitisse músicas.

— Vou preparar-te um café — anunciou Evie, levantando-se.

— Senta-te. Eu trato disso. Estou aqui para tomar conta de vocês as duas.

— Cleo, é muito amável da tua parte e agradeço a tua ajuda, mas estou bem. Consigo tratar de tudo, menos da Lulu. E, de qualquer maneira, só tenho de carregar em botões... e para isso, basta-me uma mão.

Cleo olhou fixamente para as costas de Evie. Mesmo depois dos planos forçados de coabitação dessa semana, continuavam a dançar em volta uma da outra trocando trivialidades. Evie fechara-se nos últimos dias e Cleo sabia muito bem porque é que não tentava aproximar-se, fazer-lhe mais perguntas.

Era por não querer ouvir as respostas.

5

O MARK DEVE ESTAR A CHEGAR A CASA a qualquer momento e sinto o sangue a fervilhar nas veias conforme a pressão se vai instalando em mim. A Cleo ainda aqui está. Tem cá estado desde que me magoei na semana passada, passando cá a noite, a tomar conta da Lulu. Penso que gostaria de levar a Lulu para casa dela, onde poderia enchê-la de mimos e fingir que é a sua própria filha. Mas isso não vai acontecer.

Não nos apercebemos da chegada do Mark. As paredes são tão grossas que não conseguimos ouvir a aproximação de um táxi, por isso assusto-me quando ouço a porta da frente a abrir.

Ouve-se um baque quando pousa o saco, mas estou de costas para ele e não me volto. Estou nervosa e a Cleo apercebe-se disso. Não imagino o que ele vai dizer ou o que espera que eu diga, mas não posso cometer erros. Agora, não.

— Olá, Mark — cumprimenta a Cleo, baloiçando para cima e para baixo, no seu joelho, a sorridente Lulu. A Lulu adora o pai e ninguém lhe ganha no que toca a arrancar-lhe um sorriso. O que, na verdade, torna tudo ainda mais terrível.

— Olá, Cleo. O que fazes por aqui? — pergunta ele, descendo os dois degraus que separam o *hall* da sala de estar. Ele sabe que é muito invulgar eu e a Cleo desfrutarmos da companhia uma da outra quando não está por perto.

Aproxima-se de mim por trás e inclina-se para me beijar. É então que vê o meu pulso e a mão esquerda engessados.

— Céus! O que é que aconteceu, Evie? — Olho de relance para a Cleo enquanto ele fala para ver para quem ela olha — para mim ou para o Mark. Quero interpretar a expressão dela, mas desvia o olhar e começa a mexer na Lulu como se pretendesse proporcionar-nos um momento a sós. — Evie? — insiste o Mark.

— Entalei a mão. Não é nada de especial, querido. É mais um incômodo do que outra coisa — comento, sorrindo e erguendo levemente o queixo para lhe ver a cara a pairar sobre mim, o seu queixo forte e hirsuto e o vazio negro das suas narinas. Quase não lhe vejo os olhos, pelo que não sei o que lhe vai na cabeça.

A sua mão abate-se pesadamente sobre o meu ombro e agarra-me com força.

— Porque é que nenhuma de vocês me ligou?

A Cleo olha então para Mark e oferece-lhe um sorriso de desculpas.

— Eu queria ligar-te, mas a Evie não quis.

Parece a queixinhas da escola, mas eu já estava a contar com isso. Se o Mark se vai zangar com alguém, é melhor que seja comigo.

De repente, a mão no meu ombro parece mais pesada, como se o Mark depositasse todo o seu peso nela. Encolho os ombros e chego-me para a frente, principalmente para alterar o aperto, mas transformo isso num movimento para me levantar.

— Senta-te, Mark. Eu preparo-te uma bebida. — Não preciso de perguntar o que ele quer beber. É sempre um copo de vinho tinto.

Já não consigo evitar o olhar dele.

— Não, senta-te *tu*, Evie. Quero saber porque é que ninguém me ligou. Eu teria vindo logo a correr.

A verdade é que o Mark encontraria de bom grado uma desculpa qualquer para não ir. Detesta encomendas de trabalho, mesmo quando valem milhares, como é o caso. A Cleo fez um bom trabalho pelo Mark desde que ele deixou a reclusão. O seu cliente mais recente vive em Paris, mas tem uma casa em Cap-Ferrat e quer que o Mark tire uma série de fotos para formar um mural incrível para uma parede. É muito exigente com o tempo do Mark e insiste em visitas regulares para discutir temas. O cliente, Alain Roussel, fez fortuna com uma cadeia de casinos e gosta de exhibir o Mark como um troféu para impressionar os seus conhecimentos mais recentes entre os *nouveau riche* de França.

A Cleo encara esta encomenda como uma jogada de mestre, dizendo ao Mark que muito em breve ele terá gente a fazer fila para apreciar as fotos mais recentes de Marcus North. A descrição nítida por parte de Cleo de um futuro no qual o Mark é celebrado onde quer

que se dirija parece cativá-lo e, algures sob a sua carapaça desdenhosa, tenho a certeza de que existe ambição a germinar. Não tem que ver com dinheiro — tem que ver com o reconhecimento do seu talento.

Contudo, de cada vez que sai de casa, tenho a certeza de que se lembra da ocasião em que deixou aqui a mulher e voltou para dar com ela morta.

Eu já sabia da Mia antes de conhecer o Mark. Sabia quem ela era e como morreria — não era segredo, por aqui. Naquele primeiro dia, não deveria tê-lo pressionado a explicar a sua relutância em ir à cave, mas quis testar a sua reação, para sentir o homem, e os olhos da Mia na fotografia pareciam perfurar-me.

Numa das raras ocasiões em que o Mark falou na mulher, disse que se culpava por ter aceitado a encomenda que o obrigara a deixá-la sozinha em casa. Não havia uma explicação lógica para a sua preocupação — ela vivera aqui sozinha antes de o conhecer. Ele, simplesmente, sentia-se estranhamente desconfortável com a ideia.

A encomenda fora tratada pela Cleo, mas o Mark não se interessara pelo assunto. Sentira-se dividido, debatendo-se com as perspectivas antagónicas das duas mulheres da sua vida — a Cleo, que o incentivava a preencher o seu potencial, e a Mia, que queria que ele encarasse a fotografia como um hobby.

Naturalmente, o Mark acabou por sucumbir à persuasão da Cleo, e ele e a Mia discutiram sobre o assunto antes de ele partir — algo que nunca admitiu à polícia, porque disse ter sido irrelevante. Tentara ligar-lhe do aeroporto para se desculpar, mas ela não atendeu. De início, não ficou preocupado, mas voltou a telefonar depois do seu voo e, vendo que ela continuava sem atender, pediu à Cleo que viesse cá a casa. Ela deu com o corpo da Mia todo partido ao fundo das escadas, no duro piso de pedra.

O Mark disse-me que foi uma época terrível, e a polícia conseguiu descobrir o que acontecera. Concluíram que a Mia caíra pelas escadas abaixo cerca de 45 minutos depois de o Mark sair de casa. Devia ter descido as escadas a correr para ir ao ginásio. Tropeçara e caíra, com a culpa a recair num atacador solto de um dos seus ténis. A teoria avançada foi a de que o terá pisado e tombado pelas escadas. O relógio

dela estava partido e parara, e foi assim que conseguiram estimar a hora com tanta precisão.

Eu sempre soube que havia algo em falta nessa história — um detalhe que o Mark optara por omitir. Acabou por contar-me o resto ou, pelo menos, a versão que ele acreditava ser verdadeira.

Sobressaltada, regresso subitamente ao aqui e agora. O único som na divisão é o das ondas a embaterem nas rochas lá em baixo, mas tanto o Mark como a Cleo estão a fitar-me. O Mark deve ter-me feito uma pergunta à qual não respondi. A Cleo, sei eu, expressou a sua preocupação face à minha capacidade para me fechar ao mundo enquanto a minha mente explora outro local qualquer, outra altura. Mas não faz ideia de para onde eu rumo. Acho que ela não gostaria de lá ir.

— Alguém me vai contar o que aconteceu? — O olhar do Mark salta de mim para a Cleo, pressentindo que obteria mais explicações da parte da irmã.

Sabe por que razão não lhe liguei e vagueio até à cozinha para pôr a chaleira ao lume. Hoje em dia, já não bebo álcool com frequência e a Cleo nunca toca em nada que lhe possa lançar veneno na corrente sanguínea, pelo que pego num único copo para servir vinho ao Mark. Ouço-o dirigir-se em voz baixa à irmã. Sabem muito bem que consigo ouvi-los, embora sem perceber as palavras. É um espaço grande e a Lulu está a fazer uns gemidos estranhos que, por norma, faz quando parece tentar cantar. A chaleira gorgoleja enquanto a água ferve, mas convenientemente desliga-se no preciso momento em que a Lulu para de murmurar. Mesmo a tempo de eu perceber as palavras da Cleo.

— O que é que havemos de fazer?

QUEM ACREDITARÁ NA SUA HISTÓRIA SE A ÚNICA TESTEMUNHA ESTIVER MORTA?

Mark e Evie vivem numa casa magnífica, no alto de uma falésia, com grandes janelas de vidro viradas para o mar. Após um romance breve e repentino, Evie engravidara e decidiram viver juntos naquela casa, que pertencia a Mark.

A irmã de Mark, Cleo, desconfia. O irmão mal tinha feito o luto da primeira mulher, quando conhecera Evie. Nem sequer conseguia descer ao ginásio da casa, por ter sido lá que ela morreria, num alegado acidente. E agora, quando Evie surge com nódoas negras e feridas, culpando pequenos acidentes e distrações suas, Cleo fica novamente preocupada. O seu irmão é um homem bom. Ele não pode ter nada a ver com aquilo. Ou pode?

Na noite em que a sargento Stephanie King é chamada à casa do alto da falésia, encontra um cenário de terror. Dois corpos entrelaçados na cama, sangue espalhado por toda a parte. Um deles morto, o outro vivo.

O QUE TERÁ ACONTECIDO REALMENTE NAQUELA NOITE?

«Li este livro perturbador e viciante de uma só vez. Adorei.»

Laura Marshall (autora do bestseller *Pedido de Amizade*)

TOPSELLER

os livros em primeiro lugar

20|20 editora

ISBN 978-989-8917-72-0



9 789898 917720

Thriller